

Abdib apóia estratégia de Sayad para a renegociação

Do Sucursal de Brasília

A nova estratégia de renegociação da dívida externa, esboçada pelo ministro do Planejamento, João Sayad, em seu pronunciamento de anteontem na Câmara dos Deputados —negociação convencional na primeira etapa e dinheiro novo numa segunda etapa para financiar projetos específicos claramente identificados— obteve ontem o primeiro apoio na área empresarial, com o pronunciamento favorável do presidente da Associação Brasileira para o Desenvolvimento das Indústrias de Base (Abdib) Roberto Vidigal.

Vidigal sustentou, em conferência pronunciada na Comissão de Economia da Câmara dos Deputados, ontem, que o ingresso de "dinheiro novo" deve processar-se por via de incentivo a novos investimentos de risco e não de novos empréstimos, o que só faria aumentar a dívida, constituindo-se em desafogo de curto prazo e sobrecarga no futuro.

A proposta de Sayad é basicamente a mesma: o governo ofereceria ao mercado internacional novos projetos de investimento, adequados às propostas de retomada do crescimento. O financiamento externo desses novos projetos estaria aberto aos bancos e parceiros comerciais.

Embora apenas em forma de exercícios, com projeções a partir de

números referenciais otimistas, médios e pessimistas, a Seplan vem examinando, a nível técnico, alternativas que conduziriam o País a tomar recursos novos no mercado internacional num montante de até US\$ 5 bilhões, de 1986 a 1989. Mesmo considerando projeções otimistas em matéria de taxa de juros internacionais e crescimento da economia mundial, ainda assim haveria necessidade da tomada de pelo menos US\$ 1,5 bilhão de dinheiro novo nos próximos anos.

Na proposta desenhada na Câmara pelo ministro do Planejamento, a indústria de base certamente seria a mais beneficiada, na medida em que eventuais financiamentos externos para projetos novos contemplariam créditos para a importação de equipamentos, os chamados créditos de suprimento, mais uma parcela de empréstimo financeiro para utilização em encomendas no mercado interno.

Para a indústria de bens de capital, o dinheiro novo representaria quase que a salvação de um segmento que tem sido duramente atingido pelo processo recessivo. Segundo Vidigal, nos últimos cinco anos o setor registrou taxas de crescimento negativo em sua produção o que levou à demissão de 28% de sua mão-de-obra até 1983, ano em que a ociosidade média das empresas chegou a 60%.